



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

CANÍCULA ACADÊMICA

Marcos Roberto Inhauser

Na segunda à noite, atendendo a um convite, participei de sessão da Academia Campineira de Letras, que está, neste ano, comemorando seu 50º. aniversário. A palestra feita pelo Dr. Julio Mariano trouxe algumas luzes sobre a história da Academia e a participação do poder público na construção do imponente edifício que a abriga.

À medida que ouvia o discurso, olhava para os demais acadêmicos e me punha a pensar quantas horas de leitura, de estudos, de escritos havia por trás de cada um e de todos os que ali estavam. Pensei na quantidade de saber acumulado naquele grupo de acadêmicos. Pensei na quantidade de papel que teriam usado ao longo de suas vidas, quantas folhas eles atiraram ao lixo porque não gostaram do que escreveram. Quanto suor, quanta transpiração houve por trás daquilo que depois foi chamado de inspiração.

Para encerrar a magna noite, dona Gessy Braga, de 89 anos de idade, exímia pianista, apresentou um recital com peças que exigiam habilidade juvenil e que são consideradas por pianistas como das mais difíceis. Enquanto tocava, para não perder meu costume meio neurótico de contar coisas e fazer cálculos, calculei quantas horas de estudo de piano ela devia ter em sua vida. Fiz os cálculos e concluí que teria umas 120.000, se não mais! Haja suor atrás de tanto esforço, suor este evidenciado na sua firmeza e vitalidade ao executar as peças.

O prof. Alexandre, crítico musical, ao se referir à execução da “Variação Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro” por ela executado, afirmou que só três pessoas no mundo fazem música ao tocar esta peça, que é das mais difíceis, porque exige virtuosismo por parte do executor. Uma das três pessoas era dona Gessy.

Suor. Suor e lágrimas por trás daquelas vidas. Acadêmicos e pianista. Suor nos que ali estavam. Uma noite quente, abafada, em uma sala que tem um sistema de ar-condicionado que não funciona. Suor para ouvir os que suaram na vida para serem o que são. Mas um suor também produzido pela inépcia e descaso do poder público que há 25 anos retirou a torre de resfriamento para concerto e que nunca a devolveu. Suor provocado por uma Prefeitura que, mesmo tendo passado vários prefeitos, todos, sem exceção desde 1980, não deram àquela casa a atenção que merecem pelo suor derramado e pelas horas devotadas ao saber e à socialização dele.